

COLONIZADORES E VISITANTES
NÃO IBÉRICOS DO BRASIL
1809-1830

Repertório-Coletânea de Indivíduos e Famílias

Tomo 1

Introdução

Grupos familiares (Aberty até Allgayer)

Referências e Índices

Otavio Augusto Boni Licht
Carlos Alberto Heuser (colaborador)

2024

Agradecimentos

Seria impossível realizar essa tarefa sem a colaboração e a disponibilidade de muitas pessoas e instituições, as quais são relacionadas abaixo em ordem alfabética, que ao fornecerem cópias de documentos originais ou indicarem acervos ou fontes de pesquisa pouco conhecidos, contribuíram para que esta obra fosse concluída.

Pessoas e instituições

Angela Duhá, arquivista e pesquisadora, Rio de Janeiro, Brasil

Brian Mc Gee, arquivista sênior, Arquivo Municipal e do Condado de Cork, Cork, Irlanda

Carlos Pacheco, professor, historiador, Évora, Portugal

Carlos Steiner, pesquisador, Campinas, Brasil

David Blanck MAS ALIS, colaborador científico, Archives de l'Etat de Fribourg AEF, Switzerland

Dilney Cunha, Arquivo Histórico de Joinvile, Joinvile, Brasil

Edilene Santos Nascimento, professora e pesquisadora, Nova Viçosa, Bahia, Brasil

Eduardo Cavalcante, historiador e pesquisador, Rio de Janeiro, Brasil

Edgard Wallace, Cork Genealogical Society, Cork, Irlanda

Eduardo Bueno, jornalista, escritor e pesquisador, Porto Alegre, Brasil

Friedrich F. Hüttenberger, pesquisador e escritor, Kaiserslautern, Palatinado, Alemanha
Gilson Justino da Rosa (*in memoriam*), pesquisador, Porto Alegre, Brasil
Henrique J. da Silva Bon, médico, pesquisador, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil
Jacqueline Aragão, Arquivo Público do Estado de Pernambuco, Recife, Brasil
Jaque Braun, pesquisadora, Porto Alegre, Brasil
Jean Albuquerque, médica e pesquisadora, Nova Viçosa, Bahia, Brasil
Laurentino Gomes, pesquisador e escritor, São Paulo, Brasil
Marcos Porto, geógrafo, Caxias do Sul, Brasil
Monika Kiegler, Österreichische Nationalbibliothek, Viena, Áustria
Nélio J. Schmidt (*in memoriam*), – Diretor - GenealogiaRS - Pesquisas Teuto-Brasileiras, Porto Alegre, Brasil
Paulo Rezzutti, historiador escritor e pesquisador, São Paulo, Brasil
Pedro Auler, pesquisador, Rio de Janeiro, Brasil
Petr Polakovič, pesquisador e escritor, Museu da Emigração ao Brasil, Ralsko Náhlov, República Tcheca
Ricardo Salgado, médico e pesquisador, Nova Lima, Brasil
Sander van Bladel, pesquisador senior, Dordrechts Museum, Dordrecht, Netherlands
Shu Changsheng, professor, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil
Stephanie Fournier, arquivista, Bibliotecas e Arquivos do Canadá, Halifax, Canada
Tony Jochem, historiador e pesquisador, Palhoça, Brasil

Equipes de apoio e pesquisa à distância

Arquivo Histórico de Joinville, Joinville, Brasil
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil
Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro, Brasil
Arquivo Histórico Militar de Portugal, Lisboa, Portugal
Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal
Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Recife, Brasil
Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador, Brasil
Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Arquivo Público e Histórico de Rio Grande, Rio Grande, Brasil
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Instituto Martius-Staden, São Paulo, Brasil
Irish Immigration Museum, Dublin, Irlanda
National Archives of Ireland, Dublin, Irlanda
Österreichisches Staatsarchiv, Viena, Austria
Staadsarchiv Bremen, Bremen, Alemanha
RS-Gen (@google.groups.com)

Agradecimentos especiais

Um agradecimento especial é devido à Prof^a Dr^a Wrana Maria Panizzi e ao Historiador Rodrigo Trespach, por terem aceitado o convite para escrever a Apresentação e o Prefácio, respectivamente. O convite a essas duas personalidades se deve às suas longas e produtivas trajetórias no estudo do urbanismo, sociologia e história do Brasil.

Wrana Panizzi é graduada em Direito, Filosofia, Sociologia e Urbanismo, com doutorado em Urbanismo e Planejamento pela Universidade de Paris-Est e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Paris 1, professora titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais do Ensino Superior (ANDIFES), Presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul e do Conselho Regional de Desenvolvimento do Delta do Jacuí, Vice Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Reitora da UFRGS por dois mandatos. Comendadora Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, Grande Medalha da Inconfidência, Prêmio da UNESCO de Direitos Humanos, Condecoração da Ordem do Ponche Verde, Cidadã Emérita de Porto Alegre, dentre outras honrarias.

Rodrigo Trespach é graduado em História, reconhecido pesquisador em Genealogia e Imigração alemã, e em História do Brasil. Sócio-fundador, Presidente e membro honorário da Academia de Escritores do Litoral Norte Gaúcho, Presidente do Conselho de Cultura de Osório, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, colaborador do Institut für Geschi-

chtliche Landeskunde, Universidade de Mainz, em pesquisas sobre imigração. Autor de dezenove livros, entre eles, O Lavrador e o Sapateiro, Quatro Dias em Abril, A Revolução de 1930, Grandes Guerras e Às margens do Ipiranga, 1824 e Os nomes da Independência. Condecorado com a Ordem do Mérito do Livro da Biblioteca Nacional entre outras.

Apresentação

Wrana M. Panizzi

O Brasil deve muito aos imigrantes. Somos um país composto de muitas gentes. Muitos vieram fugindo de guerras, outros em busca de trabalho no além-mar. Com eles, trouxeram diferentes *ethos* de trabalho, ensinaram novos ofícios aqueles que aqui estavam, nos ensinaram a produzir diferentes tipos de alimentos, a professar uma outra fé que não a de Roma. Enfim, com eles veio sua cultura, seu modo de ser e estar no mundo.

A pobreza e a miséria exortaram europeus ao exílio e, neste ano, estamos a comemorar o Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil. Bicentenário esse que se constitui em um legado historiográfico uma vez que, com esses imigrantes, aportou aqui, também, um pouco da cultura germânica que, entre os descendentes ficou resguardada.

Resgatar essa história – como o fazem Otávio e Carlos no decorrer dessa coleção composta por três livros e 26 tomos – é valorizar a memória e o passado desses imigrantes alemães, mas não apenas enquanto um réquiem para um tempo que passou, mas sim, como uma ode que no presente enseja um futuro pautado na solidariedade e na fraternidade, que são fundamentais na cultura alemã.

Portanto, essa obra se constitui em um estudo que fortalece laços culturais. Se constitui na junção do trabalho de dois destacados professores, um Geólogo da Universidade Federal do Paraná e, outro, um Professor do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Se constitui em um

trabalho minucioso e técnico que somente é possível de se realizar se houver o devido disciplinamento. Disciplinamento e objetividade essa comum a cultura alemã. Mas, esse estudo que aqui se apresenta não nasceu do nada, pois, em sua gênese quando Otavio Augusto Boni Licht em colaboração Carlos Alberto Heuser iniciaram a pesquisa, o objetivo a que se propunham era bastante modesto – apesar de pretensioso – queriam compilar e integrar os dados pessoais dos colonos alemães¹ que chegaram à Província de São Pedro ou Província de São Pedro do Sul, atual Estado do Rio Grande do Sul, no corte temporal 1824-1830. Trabalho esse minucioso de compilação e integração de dados que somente uma instituição secular, como a Universidade, através de seus professores pode fazer dado que, em tempos como os atuais, pouco ou nada tem se investido em pesquisas que busquem resgatar a história do nosso Estado.

Contudo, à medida que a pesquisa progrediu, começaram a surgir evidências de que não só o período tratado, como também a abrangência geográfica, deveriam ser ampliadas, visto que muitos imigrantes estabelecidos nas colônias de São Leopoldo, São João das Missões, Três Forquilhas e Dom Pedro de Alcântara, tinham chegado ao Brasil em períodos anteriores ou em locais bastante afastados, só então migrando para a Província de São Pedro. Razão pela qual, após várias alterações desse recorte no tempo, foi definido o período com o qual os autores se ocupariam, qual seja, de 1809 a 1830.

Assim, tem-se que esse primeiro livro da coleção “Colonizadores e Visitantes não ibéricos do Brasil entre 1809 e 1830” se ocupa dos imigrantes que vieram ao Brasil ou que por aqui passaram no período que compreende parte do período Joanino, desde 29 de novembro de 1807 a 26 de abril de 1821, atravessa todo período da Regência, de 26 de abril de 1821 a 7 de setembro de 1822, e, se encerra se ocupando de grande parte do período do Primeiro Reinado, de 7 de setembro de 1822 a 7 de abril de 1831.

Assim, dado o recorte temporal selecionado pelos autores, para realização deste levantamento foi necessário estabelecer uma ordem de prioridade para as fontes de dados e informações. Neste sentido, foram consideradas como **fontes documentais primárias**, as listas de passageiros dos navios transoceânicos e costeiros, os cadastros de chegada dos imigrantes, os livros

¹Dados esses que poderão servir a outros analistas e estudiosos do tema da imigração como fonte de dados para outras pesquisas.

de registro civil e religioso de óbitos, nascimentos e casamentos, os censos e cadastros com a distribuição de terras, os almanaques militares e a correspondência de natureza militar, todas elas por conterem os dados e informações mais confiáveis. A estes, se agregou documentações que envolvem **registros secundários** presentes em livros e registros escritos por viajantes e soldados mercenários que passaram pelo Brasil no período e que publicaram seus relatos poucos anos depois, entre os quais se destacam Debret (2015), Graham (1824), Seidler (1835) e Luccock (1835), os quais, em geral trazem descrições e apontamentos sobre indivíduos específicos. E, por fim, ao mesmo banco de dados também incorporou-se documentação produzida e/ou compilada por autores mais recentes que contém o resultado de longas e minuciosas pesquisas que deram origem a magníficos e admiráveis trabalhos históricos e genealógicos denominados como **registros de terceira ordem**, como é o caso, por exemplo, dos registros feitos por Fungman (1929), Negrão (1926), Wolff (1964), Porto (1934), Hunsche (1975; 1977), Hunsche e Astolfi (2004), Rosa (2005), Licht (2005), Lemos (1993), Andrä (2004) e Frey (2021), entre os quais, acrescentou-se ainda, neste mesmo grupo de fontes os estudos realizados por outros pesquisadores publicados em periódicos acadêmicos nacionais e internacionais sob a forma de artigos e/ou que foram recuperados a partir de teses de doutorado e dissertações de mestrado realizadas em universidades do Brasil e do exterior.

Dito isto, tem-se que este primeiro tomo é composto de três partes. Uma primeira que apresenta a obra, outra, que explica o processo de pesquisa e o modo como o banco de dados foi montado bem como apresenta a organização do livro e de suas edições, juntamente com uma explicação da formação do repertório-coletânea, após as quais, são apresentados, os dados numéricos que foram compilados no banco de dados proveniente dessas diversas fontes. Já a segunda parte, contém uma amostra do Repertório-coletânea englobando os grupos familiares de sobrenomes Aberty até Allgayer. Os demais sobrenomes encontram-se nos tomos 2 a 26. Contudo, esta amostra que é apresentada neste tomo destina-se a dar ao leitor uma melhor visão de como o Repertório-coletânea está organizado.

Contudo, antes de continuar essa apresentação, cabe notar o uso proposital que o autores fazem do termo “visitantes” ao lado de “colonizadores”, pois, sua utilização compreende e busca dar conta, não só daqueles que aqui se es-

tabeleceram, mas também, por permitir mapear aqueles que passaram por terras brasileiras conduzindo e/ou participando de missões artísticas e científicas que tiveram como objetivo examinar a geologia, a fauna, a flora e as etnias e que, produziram dados importantes sobre o território brasileiro e que se constituem num importante registro museológico que se encontra guardado aqui e no exterior. Tal categoria, também, engloba outros passageiros e eventualmente as tripulações de navios que fizeram escala nos portos brasileiros e que foram registrados pelas polícias portuárias, bem como, aqueles adoecidos a bordo que foram deixados em hospitais do Rio de Janeiro, ou mesmo os que falecidos na embarcação, foram sepultados nos cemitérios do Rio de Janeiro e de Niterói.

Os dados recuperados a partir destes registros são fascinantes e minuciosos e englobam diversos aspectos da vida social que vão desde os dados demográficos relativos aos nascimentos, óbitos, organização familiar etc. mas, também, nos conduzem pelos lugares por onde esses colonizadores e visitantes não ibéricos passaram o que faziam e a fé que professavam.

Dito isto, tem-se que do ponto de vista prático e conforme demonstram os documentos a que os pesquisadores tiveram acesso tem-se que essa massa de colonizadores ou visitantes, que chegou ao Brasil no período entre 1809 a 1830, foi transportada principalmente por grandes veleiros transoceânicos com capacidades de centenas de passageiros, como é o caso dos conhecidos navios *Caroline*, *Germania*, *Friedrich Heinrich*, *Die Beiden Catherinen*, *Kumbang Jatu* e *Helene und Marie*, ou então em pequenos grupos ou mesmo indivíduos isolados que chegaram como passageiros de navios mercantes. No decorrer da pesquisa, foram identificadas 227 viagens realizadas por navios transoceânicos, alguns dos quais fizeram mais de uma. Também foram identificadas 182 viagens de navios e embarcações costeiras, bem como, computadas 50 viagens transoceânicas ou costeiras de naus ou de vasos de guerra. Assim, este breve resumo busca apenas realizar um ordenamento cronológico do tema dos grupos étnicos de imigrantes não ibéricos, dos 459 navios transoceânicos, costeiros e vasos de guerra, das localidades em que se estabeleceram, e dos soldados mercenários, que serão examinados em detalhe, respectivamente nos livros 2 e 3 dessa coleção.

Outrossim, importa destacar no que se refere aos dados aqui contidos, que para garantir a confiabilidade dos dados e informações contidas na presente

obra, foi necessária uma extensa e profunda pesquisa de coleta de fontes por parte dos pesquisadores (ver os capítulos de Referências e Fontes consultadas), as quais, estavam dispersas nas mais variadas instituições, arquivos públicos, bibliotecas e sites. Assim, tem-se que ao longo da pesquisa, muitos foram os achados dos pesquisadores, uma vez que, a cada nova informação ou dado obtido, cada uma das peças (documentos, manuscritos, anotações etc.) iam adquirindo sua melhor forma e se ajustando, se encaixando, fechando as brechas temporais, esclarecendo fatos e, cada vez mais, se aproximando da realidade da época. Contudo, apesar de todo esse trabalho, ainda há alguns espaços vazios ou sobreposições que, esperamos, no futuro, possam ser preenchidas por outros estudiosos que se ocupam dessa temática. Assim, destaco o ineditismo do presente estudo – composto de 26 volumes – que neste momento chega a suas mãos em função do valor histórico e documental nele contido. Se constitui num trabalho de muitas mãos e de muitas pessoas, de uma vasta rede de colaboração e apoio montada pelos pesquisadores, que através do trabalho coordenado nos trazem um panorama daqueles imigrantes não ibéricos – colonizadores e visitantes – que aqui aportaram e que, por entre os espaços brancos da página, explora e coloca em evidência a memória dos imigrantes alemães que fizeram da Província de São Pedro aquilo que é, hoje, o Estado do Rio Grande do Sul. Respeito e parabênzulo aos autores pelo esforço, coragem e compreensão do sentido do conhecimento, da pesquisa e da instituição universitária. Estudo esse que enaltece a grandeza do nosso povo, sua universalidade e humanidade. Vivemos num pálido ponto azul no céu, nesse lugar que chamamos de casa, de a “Nossa Terra”!

Porto Alegre, 30 de setembro de 2024

Prefácio

Rodrigo Trespach

A chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro mudou completamente o destino do Brasil. A presença da corte na colônia preparou as estruturas políticas que dariam sustentação a independência do país em 1822. Foi durante o período joanino que surgiram as primeiras iniciativas coloniais com populações não ibéricas, ações que promoveram uma revolução econômica e social.

Desde meados do século XVIII, o governo português planejava a instalação de colonos de origem não lusa no Brasil, mas nenhuma iniciativa concreta foi tomada até a chegada de d. João VI em 1808. Aliado da Inglaterra, o rei assinou o tratado de Aliança e Amizade, comprometendo-se com a extinção gradual do tráfico de escravos. A exigência externa pelo fim da economia escravagista e a necessidade de criação do sistema de minifúndio e produção artesanal deu origem a política de imigração com europeus não ibéricos.

Logo após a criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves surgiram as primeiras experiências de colônias agrícolas com imigrantes germânicos. Embora fossem assegurados por concessão pelo governo português, eram projetos privados, idealizados por naturalistas e idealistas. Em 1816 e 1817, Peter Weyll, Adolf Saueracker e Georg Wilhelm Freyreiss fundaram colônias no extremo sul da Bahia. Mesmo que tenham atingido algum sucesso inicial, os empreendimentos não conseguiram assegurar o apoio de investidores. Em um primeiro momento, nem do governo português e, mais tarde, nem do brasileiro. A situação mudaria em 1818, quando d. João VI estabeleceu as condições

para a vinda de famílias suíças. Nos dois anos seguintes, por intermédio do agenciador franco-suíço Sébastien-Nicolas Gache, o rei português promoveu a vinda de imigrantes do cantão de Fribourg para a região serrana do Rio de Janeiro, onde foi criada, em 1819, a colônia de Nova Friburgo. Era o primeiro projeto patrocinado pelo governo lusitano.

Com o processo de independência do Brasil em andamento, a iniciativa da política imigratória foi então transferida para o império. O projeto agora estava a cargo de José Bonifácio de Andrada e Silva, o principal conselheiro do imperador d. Pedro I. O cientista foi o responsável pela articulação que traria colonos para substituir a mão de obra escrava e soldados para garantir a soberania brasileira. Em agosto de 1822, José Bonifácio entregou instruções secretas a Georg Anton von Schaeffer e o despachou para Europa. Como agente brasileiro, sua missão era visitar as principais cortes alemãs e obter apoio à causa nacional, enviando para o Brasil, o mais breve possível, colonos e militares.

A proposta levada aos alemães era atraente. Schaeffer apresentou como oferta aos interessados, propriedades com 77 hectares de extensão, isenção de impostos, animais de criação, ferramentas e sementes. Era uma proposta tentadora, muito além da realidade alemã naquele momento da história. A Europa estava exaurida pelas Guerras Napoleônicas, sofria com o crescimento populacional e os avanços tecnológicos da Revolução Industrial, que causavam desemprego e miséria. Entre as poucas exigências do governo brasileiro estava a de que os imigrantes professassem a “religião cristã”, condição bastante vaga dentro do contexto alemão — terra da Reforma, a Alemanha estava dividida entre católicos e evangélicos protestantes. Essa “brecha” no projeto brasileiro, permitiu a vinda e o estabelecimento de forma permanente de um grupo grande de indivíduos que professavam um credo religioso distinto da religião oficial do império, que era o catolicismo.

Em janeiro de 1824, o primeiro navio com alemães “a serviço do império”, o *Argus*, ancorou no porto do Rio de Janeiro. Os solteiros aptos foram selecionados para o serviço militar e permaneceram na capital. As famílias dos colonos foram enviados para Nova Friburgo. A colônia suíça foi o destino provisório dos colonos. As levas seguintes chegadas ao país foram enviadas para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde o presidente da província José Feliciano Fernandes Pinheiro lhes daria o destino final: a colônia de São Le-

opoldo. A chegada do primeiro grupo, em 25 de julho de 1824, é um marco importante na história do Brasil. Era o início da primeira grande onda imigratória com não ibéricos no país independente. Esse período encerraria seis anos mais tarde, em 1830, quando d. Pedro I cortou os gastos com o projeto. Até o fim do ano seguinte, cerca de 25 mil pessoas de origem não ibérica haviam se estabelecido no Brasil ou visitado o país. O maior grupo de imigrantes era de “alemães”, provenientes de Estados que compõe o atual território da Alemanha. Mas havia também chineses, franceses, suecos e norte-americanos, entre outros.

Documentar quem eram essas pessoas é um trabalho hercúleo. Encontrar dados sobre as origens, a profissão, o credo religioso, os navios de transporte e a composição familiar desses grupos — informações fundamentais para que um historiador possa analisar uma sociedade — é uma tarefa trabalhosa. Qualquer pesquisador que tenha se debruçado sobre o tema sabe o quanto procurar informações sobre indivíduos no século XIX é difícil e desesperançoso. Muitos documentos estão dispersos; alguns foram destruídos pela ação do tempo ou pela precariedade das condições arquivísticas no Brasil. Muitas vezes, os próprios documentos contêm informações precárias. Dessa forma, a pesquisa sobre os povoadores não ibéricos em nosso país é uma construção coletiva, levada a cabo por vários pesquisadores — muitos deles amadores, entusiastas da história do país que dedicaram uma vida de trabalho, montando quebra-cabeças insolúveis espalhados pelo país.

Se encontrar dados sobre povoadores e visitantes estrangeiros no Brasil dos Novecentos não é tarefa simples, reunir e catalogar as informações disponíveis e torná-las acessíveis a qualquer interessado é outra ocupação igualmente árdua. Criar um banco de dados único, então, parecia algo impossível até bem pouco tempo. Agora, toda a documentação disponível sobre o tema foi reunida de forma magistral — simples, direta e muito bem referenciada — por Otavio Augusto Boni Licht e Carlos Alberto Heuser em *Colonizadores e visitantes não ibéricos do Brasil 1809-1830*. Com o livro, o Brasil ganha uma obra de referência singular, que irá auxiliar historiadores, pesquisadores das mais diversas áreas e interessados e curiosos sobre origens familiares.

25 de setembro de 2024

Sumário

Apresentação	viii
Prefácio	xiii
Sinopse	xx
I Introdução	1
1 A coleção de livros	2
1.1 O período coberto	3
1.2 A população tratada	3
1.3 Morbidade e mortalidade	15
1.4 Exercício da religião	18
1.5 O termo ‘visitante’	19
1.6 Navios transoceânicos e costeiros	19
1.7 O título Repertório-Coletânea	21
2 Processo de pesquisa	23
2.1 A pesquisa nas fontes	23
2.2 As famílias e os avulsos	26
2.3 Compilação dos dados	26

2.4	Qualidade dos dados	27
2.5	Registro de nomes e datas	29
2.6	Organização das planilhas de pessoas e fontes	30
2.7	Montagem do banco de dados e preparação dos textos	35
3	Organização do livro	37
3.1	Edições e tomos	37
3.2	Formatação do Repertório-coletânea	39
4	Estatísticas	42
4.1	Indivíduos	42
4.2	Famílias	43
4.3	Origem	46
4.4	Chegada no Brasil	48
4.5	Percurso no Brasil	50
4.6	Religiões e Profissões	52
4.7	Militares	54
II	Repertório-Coletânea	60
5	Grupos familiares neste tomo	61
III	Referências e índices	170
	Referências	171
	Fontes consultadas	244
	Diretório de tomos	256
	Índice geral de sobrenomes	258
	Índice de sobrenomes neste tomo	380
	Índice de lugares de origem neste tomo	382

Lista de tabelas e figuras

4.1	Total de indivíduos	42
4.2	Sobrenomes e prenomes mais comuns	44
4.3	Total de famílias	45
4.4	Sobrenomes de famílias mais comuns	45
4.5	Número de indivíduos por gentílico – mais frequentes	47
4.6	Número de indivíduos chegados em cada ano	49
4.7	Percursos usuais feitos pelos imigrantes para seus destinos e número de indivíduos que fizeram o percurso	51
4.8	Religiões e profissões usuais	53
4.9	Unidades do exército com oficiais e praças não ibéricos entre 1809 e 1830	55
4.10	Postos dos militares não ibéricos existentes no exército entre 1809 e 1830	57
4.11	Unidades da Armada / Marinha com não ibéricos entre 1809 e 1830	58
4.12	Postos dos militares não ibéricos existentes na Armada ou Marinha entre 1809 e 1830	59

Sinopse

A coleção “Colonizadores e Visitantes não ibéricos do Brasil entre 1809 e 1830” trata de imigrantes que vieram ao Brasil ou por aqui passaram, no período que compreende parte do período Joanino (29 de novembro de 1807–26 de abril de 1821), todo período da Regência (26 de abril de 1821–7 de setembro de 1822) e grande parte do Primeiro Reinado (7 de setembro de 1822–7 de abril de 1831).

A coleção será composta por três livros:

- O presente livro, *Repertório-Coletânea de Indivíduos e Famílias*, contém os dados pessoais e de imigração dos colonizadores e visitantes e de suas respectivas famílias. Ele está disponível tanto como edição digital (*eBook*) quanto em uma edição impressa, ambas divididas em 26 tomos.
- O segundo livro, *Repertório-Coletânea de Viagens e Passageiros*, relacionará os navios e respectivos passageiros que fizeram as viagens transoceânicas ao Brasil e as viagens costeiras às colônias de destino.
- Já o terceiro livro, *Repertório-Coletânea de Colônias e outros Empreendimentos*, abordará os núcleos coloniais ou empreendimentos industriais criados no período em questão, além de alguns acontecimentos fundamentais na história do Brasil, que contaram com a participação de imigrantes não ibéricos.

Este é o Tomo 1 do livro *Repertório-Coletânea de Indivíduos e Famílias*.

Uma visão geral da coleção encontra-se no Capítulo 1. A organização deste livro em particular está descrita no Capítulo 3.